

Para leitores lindos...



Parte I







O menino emergiu do quarto como um inseto envenenado. Segurando-se nos móveis, nas paredes, apoiando-se no batente, chegou até a sala tentando reconhecer o tempo e o espaço em que caminhava, desequilibrava. O prédio estava inclinado. Mas a isso ele já estava acostumado. O problema era o horário em que dormira, o horário em que acordara, com uma luz indecisa alaranjando a janela. Final da tarde ou começo do dia? Sempre era difícil se situar, quando dormia fora do horário...

O prédio estava inclinado. Mas a isso ele já estava acostumado. O problema era o horário em que dormira, o horário em que acordara, fora de hora. Isso acontecia cada vez com mais frequência, agora que ele não tinha aulas. O menino ficava em casa, jogado pelos cantos, escorando-se na cama, deixando o cabelo crescer. Crescia além de sua masculinidade, cada vez mais branca, cada vez mais magra. Com uma complexão tão delicada que — aliada a seu longo cabelo escuro — os

amigos não podiam evitar chamá-lo de andrógino. Ele não se importava.

Sentou-se diante da escrivaninha, na sala, e ligou o computador. A lógica e os sentidos inicializavam-se também em sua mente. Sim, final de tarde, percebia. Ouvia o Gordo rolando no apartamento de cima. O prédio estalando com aqueles que voltavam para casa, aqueles que conseguiam. Via refletidas na tela do monitor as ondas do mar lá fora. Mar negro, manchado de piche, por anos e anos de acidentes e descasos. O menino não se importava. Não consumia petróleo. Não mergulhava no mar, não manchava sua brancura no sol, no piche, no óleo derramado. Ia do quarto ao computador, do computador ao quarto. Na escrivaninha da sala, encontrava algumas notas que sua mãe deixara — para pedir uma pizza. Ele pedia meia catupiry, meia champignon — e comia só metade. O Gordo sempre tocava a campainha para comer o resto. O Andrógino não se importava.

Abriu sua caixa postal, viu seus e-mails e começou a me responder. Logo ouviu a batida na porta, a maçaneta virando e o Gordo entrando no apartamento destrancado. Oi, o que está fazendo? Pediu pizza? Posso comer com você?

O Andrógino balançou a cabeça em negativa — negativa que o Gordo poderia usar para responder a quaisquer das perguntas que formulara — em seguida apontou para o telefone, sem desviar os olhos da tela, e o Gordo foi rolando fazer o pedido. Tinha de tomar cuidado, pela inclinação do prédio, por suas formas arredondadas, poderia ser ejetado ao menor deslize. Não seria um acidente fatal, claro — os próprios suicidas já haviam desistido de se jogar daquele prédio; para conseguir afundar no mar teriam de ter os bolsos pesados, uma mochila nas costas, e só aqueles sem nada a carregar é que desejam a morte —, mas o Gordo também não queria se manchar de óleo, (por tantos acidentes e acasos), não queria ser jogado

como uma bexiga cheia d'água no mar. Segurou-se firme nos móveis, com os dedos amanteigados, até deixar-se cair ao lado do telefone, no sofá.

“Vou pedir meia catupiry, meia champignon, pode ser? Vou pedir meio a meio, não é assim que você gosta?” O Gordo perguntava ao Andrógino, já com o telefone na orelha, soprando a ele seu hálito lácteo de gato, de quem acabou de comer chocolate. O Andrógino não se importava. Continuou me dedicando bits e bytes, por trás das ondas refletidas na tela.

O prédio era inclinado. Era por isso que os meninos ficavam tanto tempo sozinhos, pediam tanta pizza e não esperavam seus pais para jantar. Muitos dos pais haviam saído para trabalhar e nunca mais voltaram. “Está chovendo. Está trânsito. Estou cansada demais pra tentar entrar aí. Vou dormir no trabalho. Num flat. Na casa da vó. Volto pra casa no final de semana. No próximo feriado, quem sabe. No Dia dos Namorados...” Porque para entrar novamente no prédio era um sufoco. Porque o prédio, de tão inclinado, perdera sua porta de entrada. Para os meninos era relativamente fácil, conseguiam entrar nele como se subissem numa árvore, numa casa da árvore, num prédio inclinado. Mas os pais, com seus ternos e suas pastas, laptops e salto alto, tinham mais dificuldade de voltar. Desistiam. Diziam para os filhos pedirem uma pizza.

Dentro do prédio, a ordem não era ditada nem mesmo por um zelador zeloso. Seu Antônio havia muito não era visto, trancado dentro do apartamento. Com a inclinação do prédio, as fundações comprometidas, sua porta havia sido obstruída e ele não pôde mais exercer seu ofício. Já não havia mais regras nem reguladores no edifício.

E sem pais e sem adultos, sem regras e sem compromissos, o que delimitava as fronteiras dos meninos? Escola? Não, nem isso lhes cerceava. Alguns meses antes, os professores tinham entrado em greve. Não era uma questão financeira, era

uma questão de orgulho. Não podiam receber menos do que os pais de seus alunos, porque assim se sentiriam empregados das crianças. Não podiam conversar com mães com as quais jamais poderiam se casar e ter filhos, porque considerariam seus próprios filhos inferiores. Então, como uma forma de mostrar seu poder, resolveram entrar em greve, geral, perpétua, perene, permanente, até resolverem seus próprios dilemas e incoerências. Muitos inclusive entraram em greve apenas para poder aumentar a frequência das visitas ao analista. “Doutor, como eu poderia educar crianças que são ricas demais para serem meus filhos? Como posso acompanhar o valor de mães que jamais teriam a mim como marido?” São justificativas desprezíveis, eu sei, mas não tenho culpa, não fui eu quem entrou em greve.

O Governo riu, mastigando pernil. “Haha, então vamos ver quem é mais forte. Deixem que façam greve. Não vamos nos preocupar com isso...”

Aproveitaram a greve para fazer reformas na escola. Na verdade, para fingir que faziam reforma. Faziam, mas fingiam. Derrubavam uma parede, para construí-la novamente. “Precisamos movimentar a construção civil, não é? Sabe quantos novos empregos essa greve gerou?” Então, os trabalhadores braçais pressionavam o governo para que as reformas continuassem. Os professores continuavam com o orgulho ferido, por sua greve não ter sido respeitada. As crianças se arrastavam durante os dias. E os pais... os pais no fundo agradeciam por não gastar mais com material escolar.

“Aproveite essas férias para ler um dicionário, hein?” “Tem programas bem educativos na TV.” “Se você assistir aos canais certos, nem vai sentir falta das aulas.” Eles se convenciam, já que os filhos não precisavam ser convencidos. E assim iam trabalhar; as crianças ficavam em casa, saíam para a praia, andavam pelas ruas, e deixavam os adultos sem filhos com medo do que poderiam aprontar.

Então, desocupados no Prédio Inclinado, o Gordo desligava o telefone após pedir sua pizza. Via o amigo Andrógino de costas, digitando, com os longos cabelos caindo pelos ombros. Observava aquela figura apática e pensava em como puxar conversa, de modo que o amigo ficasse realmente interessado.

“Vim aqui pra te contar uma coisa... Você não vai acreditar... Uma coisa incrível... Um verdadeiro acontecimento... Você não quer saber? Fala a verdade, Andrógino, você não está curioso?! Não quer saber o que eu tenho pra contar?! Não vim aqui só pra comer com você não, viu?!” — o Gordo perguntava, se animava, ia fermentando dentro de si a novidade que queria entregar confeitada ao amigo. Era sempre assim, ele sempre tinha alguma grande novidade a contar. E, na verdade, nunca passavam de pequenos eventos, picuinhas, fofocas. Ninguém se importava de fato com o que ele tinha a dizer. Mas como o Andrógino não se importava, não se importava, e o deixava prosseguir.

“Mas e aí, adivinhe, não quer saber?! Não quer saber o que aconteceu?! Dessa vez é sério! É um acontecimento de verdade! Quer dizer, acho que você vai achar, **ATÉ VOCÊ** vai achar, é algo mesmo a se prestar atenção...”

Fazer o quê? O Andrógino achou por melhor girar a cadeira e olhar para o Gordo, para assegurá-lo de que tinha sua atenção. Assim o Gordo prosseguiria. Assim o menino diria logo o que tinha a dizer. O Andrógino fez sinal com a cabeça para que o Gordo fosse em frente. Quanto antes o Gordo contasse sua novidade, quanto antes o deixaria em paz.

“Esta tarde eu não tinha nada pra fazer, passei pelo playground, andei pelo prédio, bati aqui na sua porta, acho que você estava dormindo... Queria saber se você estava a fim de dar uma volta, você nunca sai desse apartamento, né? Mas não custa perguntar... Estava meio zanzando pelo prédio, sem ter o que fazer... Como andam chatos esses dias, né? Não aguen-

to nem mais jogar videogame! Tá certo que é melhor do que escola, melhor do que escola... QUALQUER coisa é melhor do que escola, mas também a gente podia ter mais opções, né? O que você faz tanto aí no computador? Como você tem assunto aí pra escrever... A gente podia baixar uns jogos, que tal? A gente podia jogar online... Bom, deixa eu continuar... Eu estava zanzando pelo prédio, assim, sem ter nada pra fazer... Sem ter nada pra fazer, aí, um SACO! Mas você não vai acreditar no que aconteceu... Bem estranho mesmo, cabuloso... Sabe quem encontrei no corredor? Adivinha quem eu encontrei no corredor? Você não vai adivinhar... Era um menino NOVO aqui no prédio, sério! Um menino novo, e é morador! Era isso que eu queria te contar desde o começo, deixa eu contar: tem um menino novo morando aqui! Pior que é um menino bem esquisito... Assim, um menino bem estranho, deixa eu contar... Estava parado, parado, no meio do corredor, acredita? Sem fazer nada! Vai, fala, não é meio estranho? Um menino parado, no meio do corredor, sem fazer nada... Fiquei até duvidando de quem era... Quer dizer, fiquei duvidando se não era um... fantasma... Hahaha! Sério, sem brincadeira! Fiquei até com medo de que fosse um daqueles fantasmas que dizem existir no prédio, sabe?! O fantasma de alguém que ficou preso num quarto inclinado, numa porta trancada, sei lá! Sabe por que eu achei que era um fantasma? Tem um motivo para eu achar que era um fantasma... Não é qualquer um que você olha e acha que é um fantasma... Pois era um menino, eu podia achar que era um menino, eu podia achar que era *apenas* um menino, eu acho; acho que é apenas um menino, mas achei que podia ser um fantasma, sabe por que achei isso? Te falei, ele era *bem* esquisito... BEM esquisito, assim, com um olhar meio parado, um rosto estranho, meio menino, meio menina... Quer dizer, não meio menina que nem você, haha! Você é que parece meio menina, né? Ou menina inteira? Haha! Tá, desculpa, mas ele

era meio, tipo, *boniton*, sabe? E com um olhar estranho, daqueles que não dá pra não reparar nem dá pra evitar de dizer, desculpa... É parado, lá no fim do corredor, aí, ali, lá, na frente da sua porta, mas lá no fim, no final do corredor, todo pimpão, haha, todo pimpão, parado, olhando pra mim... Olhando pra mim? Não! Ele não estava olhando pra mim, estava virado para a minha direção, mas não olhava pra mim, não olhava diretamente, por isso achei que podia ser um fantasma, sabe? Ele estava virado pra minha direção, devia estar olhando pra mim, mas não olhava! Pensei assim: 'Ele deve ser cego, coitado', sabe? Cego, como o Mestiço? Podia ser! Será? Será que seria outro cego como o Mestiço, pra fazer companhia a ele? Hahaha! Seria outro cego no prédio, não seria? Não seria um barato, vai, diz, não seria um barato o Mestiço e outro cego, amigos? Não seria? Mas não era, não era cego, porque eu acenei e ele acenou... Acenei assim, ó! Como você acena, sabe? Acenei bem como você! Hahaha! Não é assim que você acena? Fala a verdade, Andrógino, não é assim que você acena? Eu fiz igual, haha, achei super *cool*, quer dizer, queria ser, né? Queria, assim, acenar desprendido, apático, super *cool* pra dar as boas-vindas ao menino... Haha, mas acenei assim... É ele acenou de volta! Daí pensei: ele não é cego, não pode ser, como pode ser? Ele me viu! Acenou! Então por que não olha pra mim? Puta coisa esquisita... Por que tem esse olhar parado, vidrado, obstruído, olhar de cego? Será que está querendo imitar o Mestiço? Pode ser! Ele pode estar querendo lançar, assim, um olhar super *cool* tipo o aceno que eu mandei imitando você! Ele lança um olhar imitando o Mestiço e eu aceno imitando o Andrógino, não pode ser? Afinal, é um menino novo aqui no prédio, aí no corredor, lá no final, ele pode estar querendo fazer parte... De repente quer ser aceito, fazer amigos, mostrar que é igual a gente, não é? Daí o primeiro que ele conheceu foi o Mestiço... Daí ele imita o olhar dele achando que aqui os meninos se

olham assim e daí ele fica me olhando com esse olhar vidrado, haha, que bobalhão! Mas não... Eu olhei melhor e percebi que a bobagem era minha...”

“A bobagem sempre é sua, seu escroto.”

Esse era o Negro, um menino negro, parado na porta do apartamento. Estava escutando havia algum tempo, sem os meninos se darem conta. Entrou, passou por eles e logo se ouvia pingando no banheiro, sem nem pedir pra usar. O Negro vivia naquele prédio, como eles. Mas suspeitavam que não morava realmente lá. Alguns diziam que era só um visitante. Outros diziam que ele havia sido ejetado. Que morava no décimo segundo andar, lá em cima. Que o apartamento era muito alto e, com o prédio inclinado, ele nunca conseguia subir. Vivia então no apartamento dos outros, vivia pelas ruas, nos corredores, na praia. Vivia convidando os meninos pra sair. E sempre implicava com o Gordo.

O Gordo prosseguiu: “A bobagem era minha porque a gente não pode dizer que o olhar do Mestiço é exatamente vidrado, exatamente parado, né? Porque a gente nem consegue olhar o olhar dele direito... Aqueles olhos puxadins... hahaha! Aqueles olhos puxadins dele de japa ou de china, vietnamita, sei lá! Nem dá pra dizer, né? Nem dá pra dizer pra onde ele olha, que ele não olha, não dá pra ver! Então percebi que era bobagem minha e que talvez o olhar daquele menino fosse apenas o olhar que eu IMAGINAVA, que eu imaginava que o Mestiço tinha... Era coisa da minha cabeça, sabe? Coisa do olhar dele na minha cabeça, hahaha! Coisa da minha cabeça no olhar dele... Ai, putz! Agora me confundi... Onde eu estava mesmo? Ah, o menino novo, calma que eu vou chegar lá! Novo eu digo porque é novo no prédio, ele deve ter a minha idade, a nossa idade, quantos anos você tem mesmo? Acho que você parece mais velho porque é assim quieto... Ou por causa do seu cabelo, né? Não vai cortar seu cabelo, Andrógino? Pô, já

tá na hora... Não que eu não goste, tem estilo, né? É estiloso... *Cool...* Mas podia cortar, quer dizer, uma hora, uma hora qualquer, sei lá, você podia cortar... Mas o menino, esse menino aí, o menino novo, aí, da nossa idade, tem o cabelo normal... Haha! Tá, seu cabelo é normal também, é que eu digo no comprimento, tem um comprimento de cabelo normal, assim, de menino, como os meninos usam, um pouco mais comprido, talvez, um pouco mais comprido do que o meu... Cabelo de pajem, né? Hahahha! Não é assim que chamam? Cabelo de pajem? Ui, ui, cabelo de pajem! Haha! Acho que é por isso então, talvez, que ele seja todo *boniton*... E bem esquisito! Não é que eu ache meninos bonitos, você sabe... E... onde eu estava mesmo? Cabelo... pajem... esquisito... Ah! Lembrei, o olhar, *aquele olhar quarenta e três, meio de lado, já saindo*, haha! Conhece essa música? Ah, vai, ri um pouquinho, né?! Tá, o olhar... Eu olhava pra ele, ele olhava pra mim, quer dizer... ele não olhava pra mim, mas na minha direção... e eu acenava pra ele, e ele acenava pra mim, daí eu via que ele via, enxergava, quer dizer, o bonitinho... ui, ui!... enxergava... Daí eu percebi que o olhar dele não era de cego, não, era de vesgo! Era isso! Andrógino, tem um menino esquisito e vesgo aqui no prédio, parece que é um NARCISO VESGO!!!”

“Putá merda, seu escroto! Leva esse tempo todo pra contar que um bosta de um vesgo se mudou pro prédio!” disse o Negro saindo do banheiro e passando pela sala em direção à porta. O Andrógino soltou um “pffffff”, que o Gordo não entendeu exatamente se era dirigido a ele ou ao Negro. “Pffffff”, para quem? Ele não perguntou, porque preferia se refugiar na possibilidade de solidariedade do amigo Andrógino e não perder totalmente o respeito com todos zombando de sua história.

“Poxa, eu precisava criar um suspense pra ele entender! Ele não ia entender qual era a graça toda da história se eu contasse assim: ‘Um Narciso Vesgo acabou de se mudar pra cá...’ Além

disso, estou contando pro Andrógino e você não tem nada com isso! Não se mete onde não é chamado! Vai, vai andando, que ninguém te convidou pra vir aqui!”

O Negro deu um passo à frente, levantando o punho fechado: “Seu Gordo Escroto Bicha da Porra! Vou te descer porrada, hein?”

O Gordo recuou no sofá, intimidado. O Andrógino ficou olhando em expectativa. O Negro abaixou o punho e foi para a porta.

“Vai ver a próxima vez que eu cruzar contigo lá fora, te arrebento!” disse saindo.

A porta se fechou. O silêncio levantou-se entre os dois meninos no apartamento, e antes que pudesse decantar-se, o Gordo continuou.: “O que eu queria dizer é que tem alguma coisa bem diferente nesse menino, sabe? Eu não ia ficar olhando assim pra ele à toa, né? Por isso tive de te contar toda a história, pra você entender o lance, o troço, a *vibe*, saca? Porque não é só ‘um bosta de um vesgo que se muda pro prédio’, tem algo de fantasmagórico, esse é todo o lance... É é um vizinho novo, né?”

O Andrógino sorriu levemente, talvez um pouco cansado, talvez muito. Apático, sorriu para que o Gordo não exigisse sua opinião, que continuasse o blablablá e o deixasse em paz, na frente do computador. As ondas do mar refletidas na tela estavam tão suaves naquele dia. Tão suaves que até contrastavam com o falatório do Gordo, atrás e ao redor e por todos os lados dele. Então, no começo, o falatório o incomodou um pouco, depois começou a ver certo interesse no ritmo, em contraste com as ondas, formava algum tipo de balé. Depois se cansou disso também.

A porta do apartamento se abriu novamente. No mesmo instante, os meninos sentiram o cheiro de pizza. E sentiram o cheiro de curry, cravo, canela, especiarias. O cheiro forte que emanava do vizinho mestiço, o mestiço cego que morava no sétimo andar.

“O Entregador me deu a pizza lá embaixo. Pediram aqui, não é?”

O Gordo respondeu já pegando uma fatia, sem se levantar do sofá. O Mestiço ofereceu ao Andrógino, que sacudiu a cabeça, franzindo levemente a testa. Deixou a embalagem sobre a mesa da sala.

Ninguém sabia dizer ao certo mestiço do quê com o quê ele era; alguns supunham que era inteiro. Tinha aquele cheiro apimentado, talvez indiano? E tinha os olhos tão, tão puxados, que não conseguia enxergar. Ou talvez fosse o contrário, tinha olhos puxados assim porque era cego, então não precisava que eles ficassem abertos. De qualquer forma, tinha um rosto assim, meio japa, meio china, meio escocês e meio vietnamita, se é que alguém pode ter tantas metades assim. Talvez um terço coreano também; e se fosse mongol? Era inteligente, o primeiro da turma, mas como não tinham mais aulas, não fazia muita diferença. Tentava ocupar seu lugar no prédio do jeito que podia. Tentava se aproximar dos vizinhos. Não era muito difícil, apesar de cego. Até porque o prédio era inclinado, então todos eram sempre escoados para o mesmo canto, um sobre o outro, o Gordo rolando sobre todos...

O Mestiço escoou até o sofá para onde o Gordo rolara e o Gordo recomeçou. “Você não vai acreditar... Eu estava contando uma coisa incrível... INCRÍVEL MESMO!!!

“Um porra de um vesgo se mudou pro prédio!” — O menino negro gritou do corredor.

O Mestiço levantou-se e foi até a porta, para fechá-la, sorrindo com certa superioridade. Falou alto para o Negro ouvir. “É estrábico, o nome correto é estrábico...” E o Gordo gritou para o Negro: “Estraga-prazeres! Eu é que ia contar!”

O Mestiço fechou a porta e caminhou até a janela. Mesmo cego, não precisava de muita orientação para chegar até lá. Afinal, o prédio estava inclinado, bastava se deixar levar.

Ele podia não ser redondo e não rolar como o Gordo — era magro —, mas ainda assim podia se deixar levar. E se levava até a janela para ver o mar, se levava pelo cheiro, pelo barulho, coisas que ele não poderia perceber refletidas na tela de um computador.

“Hum, nublado. Piche. Piche de novo no mar. Tanto tempo que não sinto o cheiro puro de maresia...”

O Gordo se impressionou. O Gordo sempre se impressionava com o dom do Mestiço, mas também duvidava, também colocava à prova, pegando mais um pedaço de pizza. “Não sei se é exatamente piche não... O mar está negro porque o céu também está... É reflexo, né? Só reflexo! O céu está sempre nublado... Nem dá vontade de ir à praia...”

O Gordo dizia isso mais para evitar que os outros meninos fossem embora. Deixava claro que não era clima para se bronzear. O Andrógino não se bronzeava, mas o Negro sim, e o Mestiço também, e todos os outros meninos do prédio. E quando o Gordo ia junto, sempre ouvia as chacotas do Negro. Nunca tinha coragem de tirar a camiseta e botar as banhas para queimar. Ficava suando sob a roupa como uma batata enrolada em papel alumínio dentro do forno. E se não fosse junto, se sentiria sozinho, porque não tinha ninguém com quem dialogar, monologar, discursar, blabláblá.

“O mar está preto de piche. O céu, preto de poluição” — completou o Mestiço. Não era porque moravam de frente para o mar que se podia dizer que a natureza imperava. Bem, a natureza humana imperava, borrando céu e mar. O Gordo então suavizou a teimosia e acomodou-se, concordando. “Pior ainda, então! Assim não dá mesmo vontade de ir pra praia, né? Melhor ficar aqui... Melhor ficar vendo as ondas refletidas na tela, né, Andrógino? Hahaha, é por isso que você só olha pela tela? Hahaha!” Deu uma cutucada com o cotovelo no Andrógino, que mostrou um leve sinal de irritação.

“Mas como você sabe da história do Vesgo? Ou estático? É isso, estático? Estrábico! Estrábico, como sabe da história dele? Você nem enxerga...” perguntou o Gordo ao Mestiço.

“Sei porque você acabou de dizer. Você disse ‘vesgo’, eu corrigi, ‘estrábico’. Vesgo é um termo pejorativo, e não é legal chamar assim uma pessoa que acabou de se mudar pra cá. Não importa se ele é esquisito, se é vesgo, eu sei bem que essas coisas não fazem diferença...”

Mas ele não estava sendo absolutamente sincero. Não. Porque o Mestiço soubera do Narciso anteriormente, naquela manhã, pouco antes do Gordo. Também cruzara com ele pelos corredores. O Mestiço subia os andares a pé, como sempre, porque o elevador estava sempre quebrado, então percebeu que algo além preenchia o ar. E era um além de beleza e de alma. Uma alma que só se sente confiante assim num corredor desconhecido quando é muito consciente da própria beleza. Isso dá para se perceber, mesmo cego. Talvez a forma como o menino pisava, talvez a forma como se movimentava. Talvez o ar ao redor dele, que se fixava como magnetizado, deixava tudo mais rarefeito. A passagem de um Narciso daqueles pelo corredor não podia ser ignorada, nem pelo mais cego dos cegos, nem pelo mais misturado dos mestiços. E o Mestiço Cego, talvez percebendo que o novato caminhava com beleza pelo cenário, respirou mais fundo aproveitando-se do ar que ainda o circundava, como se dizendo “o ar também me circunda”. E ambos ficaram ali, unidos e separados pelo ar, sem trocar uma palavra, pois ser cego também é um pouco como ser invisível, se você não vê os outros, os outros todos também podem fingir que não te viram. E o Mestiço Cego fingiu que não viu nada, esqueceu que viu, não podia ter visto, não sabia do Narciso.

Enquanto pensava nisso, no apartamento do Andrógino, ouviu o som de teclas digitando.

“Está escrevendo pra ela?”

O Andrógino acenou que sim.

“Ele acenou que sim”, disse o Gordo.

“Assentiu”, corrigiu o Mestiço. “O termo é ‘assentiu’”. E ele podia perceber, pela simples movimentação do ar, o rosto do Andrógino subindo e descendo, ainda que de leve, assentindo.

O Mestiço disse: “Depois também quero mandar uma mensagem...”